

SOBRE CINEMA NOVO: UM RECORTE DA PRODUÇÃO CINEMATROGRÁFICA URBANA

Matheus Rodrigues da Silva
(Graduando em Letras - UNIRIO)

RESUMO: Partindo de um olhar sobre o movimento brasileiro conhecido como Cinema Novo, o artigo propõe uma leitura comparada entre duas obras cinematográficas produzidas nos anos de 1962 e 2010, abordando algumas das características do movimento e o modo como estas se desdobraram no cinema brasileiro de hoje. Através desta comparação, atentando especialmente para como ambas as obras retratam a figura dos moradores da Favela, será observada como se deu a passagem de um cinema que, a princípio, era voltado para a transgressão dos padrões de produção Hollywoodianos, evoluindo para um cinema direcionado ao estatuto do mercado cinematográfico do século XXI.

Palavras-chave: **Cinema, comparação, temas, figuras, mercado.**

ABSTRACT: Starting from a look at the Brazilian movement known as Cinema Novo, the article proposes a comparative reading between two cinematographic works produced in the years of 1962 and 2010, addressing some of the characteristics of the movement and the way they unfolded in the Brazilian cinema of today. Through this comparison, paying special attention to how both works depict the inhabitants of Favela, it will be observed as the passage of a cinema that, at the beginning, was directed to the transgression of the standards of Hollywoodian production, evolving into a directed cinema to the statute of the 21st century cinematographic market.

Keywords: **Cinema, comparation, themes, figures, Market.**

INTRODUÇÃO

Um dos movimentos mais importantes para a história da sétima arte em território brasileiro foi, de fato, o Cinema Novo. O movimento cinematográfico do século passado tinha uma missão extremamente interessante e fora liderado por alguns dos maiores diretores que o país já viu, como Glauber Rocha e Cacá Diegues, além de ter produzido obras que retratavam aspectos puramente brasileiros e de uma maneira que fugia dos moldes do cinema que era assistido por milhões de pessoas pelo mundo. Os *cinemanovistas*, termo este que utilizaremos para nos referirmos aos diretores que integravam o movimento, tinham como objetivo trazer à tona aspectos que ocorriam na sociedade brasileira e retratá-los no âmbito cinematográfico.

Dentre as obras do Cinema Novo, destaca-se em especial *5X Favela*, filme lançado em 1962 e dirigido por cinco diretores, dentre eles Marcos Farias, Miguel Borges, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman. O filme tinha como objetivo mostrar a realidade dos moradores de favelas a partir de uma ótica do Cinema Novo, não sendo usados efeitos de

câmera ou nenhum tipo de controle sobre a iluminação, contando com luzes estouradas e técnicas de filmagem que poderiam parecer amadoras para os espectadores, porém, eram todas pensadas previamente para a montagem de tal obra.

Dividido em cinco curtas, cada um destes sendo dirigido por um dos diretores citados anteriormente, a obra não obteve uma grande bilheteria no seu tempo, mas provocou uma espécie de continuação espiritual que fora lançada em 2010, sob a direção de Cacá Diegues, um dos diretores da primeira versão. O filme *5X Favela – Agora por Nós Mesmos* possuía a mesma dinâmica de cinco curtas da obra de 1962, porém, agora numa abordagem mais atualizada, sendo produzido em uma parceria entre moradores das comunidades retratadas nas tramas, com o diretor utilizando técnicas cinematográficas atuais e com um foco muito maior na perspectiva dos moradores da favela.

O texto a seguir tem como foco a análise dos elementos que constituem as duas obras, comparando aspectos tanto cinematográficos quanto elementos um pouco mais literários, como enredo, construção de personagens e ambientes, etc. Serão utilizados como base os textos de Fernando Mascarello e Cezar Migliorin para a análise de alguns pontos do filme e contextualização dos argumentos em relação às obras.

O CINEMA NOVO E 5X FAVELA

Após um breve apanhado dos aspectos do Cinema Novo na introdução do texto, o entendimento e análise de *5X Favela* ainda necessita de algumas informações extras a respeito do movimento cinematográfico do século XX. O Cinema Novo de fato surgira como uma espécie de movimento que tinha como foco a construção cinematográfica do Brasil nas grandes telas. Uma frase de Mascarello mostra como era o procedimento utilizado para a montagem dos filmes na época do surgimento deste movimento, montagem esta que focava em retratar a sociedade brasileira através desta ótica que só o terceiro mundo poderia providenciar: Porém, isto deveria ocorrer de uma maneira crítica, afinal, o Brasil situava-se ainda como um país

de terceiro mundo e por isso: “sem equipamento, dinheiro e circuito de exibição.” (MASCARELLO, 2006, p.290).

Sobre o filme de 1962, *5X Favela*, é possível perceber em cada um dos cinco curtas como a estética do *Cinema Novo* se faz presente: as cenas em geral possuem *close-ups* e transições entre planos que aparentemente não possuem nenhuma estética, onde os personagens são vistos em ângulos e planos que levam os espectadores a questionar a qualidade e a capacidade dos diretores, fazendo com que os filmes pareçam "ruins". Porém, vale lembrar que justamente por esses ângulos inusitados e a estética um tanto quanto pobre que os *cinemanovistas* atingiram seu objetivo, como podemos ver nas palavras de Mascarello a respeito da estética do Cinema Novo: “desejavam, acima de tudo, fazer filmes, ainda que fossem ‘ruins’ ou ‘mal feitos’, embora ‘estimulantes’, conforme opiniões da época.” (MASCARELLO, p.290).

Um ponto curioso no filme *5X Favela* é justamente a iluminação que segue os moldes do movimento: em todos os curtas podemos perceber como o sol torna-se um elemento de destaque, sem quaisquer tipos de filtros ou controle, partindo do princípio do movimento onde os filmes não eram gravados em estúdios e por este motivo a iluminação natural ficava extremamente presente, em certos momentos até podendo confundir os espectadores, pois um olho desatento poderia não saber distinguir um céu de um rochedo, como no curta *Pedreira de São Diogo*.

Os aspectos sonoros são muito marcantes para o filme, apesar de refletirem um dos pontos que mais foram criticados pelas pessoas que não consideram o movimento do *Cinema Novo* como algo genial: a música em geral alterna entre sons que são produzidas dentro da cena, como no curta da *Escola de Samba Alegria de viver*, mas em geral é extradiegética³, sendo comumente mesclada em planos mais amplos para dar uma maior imersão ao espectador. O ponto é que as músicas alternam entre apenas dois ritmos: samba e ritmos africanos marcados por tambores, sendo que a presença de

³ Extradiegética – elemento que está fora da narrativa, no caso da trilha sonora, músicas e sons que não pertencem a filmagem e foram adicionados através de edição.

negros em todos os cinco filmes é mínima, apenas aparecendo com destaque no curta *Zé da Cachorra*, dirigido por Miguel Borges, onde temos de fato um anti-herói negro que protesta contra a passividade de seus companheiros em relação a figura do magnata que controla a comunidade.

Como falamos sobre personagens, a construção da figura do Favelado, este que escreverei com letra maiúscula por representar um conjunto de ideologias e não apenas um ou outro personagem que aparece nas tramas, é uma figura que demonstra mais uma vez um ponto que para muitos é controverso, mas creio que faz parte do que é o Cinema Novo: a figura do Favelado em geral é construída de uma forma onde este aparece como uma espécie de vítima da sociedade, alguém que sofre por morar num lugar que é extremamente pobre até para um país de terceiro mundo. O Favelado na maioria dos casos aparece como brancos que se veem sem escolhas e precisam adentrar na pobreza da favela para assim sobreviverem. Em alguns filmes aparece como ladrão, outros como fanfarrão sambista, mas em geral o Favelado é uma vítima de outra figura muito presente na obra de 1962: a do homem branco que controla a favela. A figura do homem branco aparece em geral como o antagonista dos curtas por ser aquele que controla e gerencia as favelas. Citarei um trecho do trabalho de Migliorin acerca da favela para poder me justificar: “A favela é parte dessa ordem, uma organização não apenas do espaço, mas das formas que temos de sentir, viver e dizer de nossas vidas e do mundo” (MIGLIORIN, 2010, p.43).

A favela no filme de 1962 é construída como uma ordem que é gerenciada pelo branco, como vemos nos curtas *Zé da Cachorra* e *Pedreira de São Diogo*, onde respectivamente as figuras do Grileiro e do Dono da Pedreira aparecem como antagonistas e como aqueles que através do capital controlam a favela e seus moradores. O Branco também aparece como um indivíduo possível de se tornar Favelado quando é pobre, não possuindo escolha a não ser adentrar o ambiente da favela e se tornar mais uma das vítimas daquela sociedade que oprime os moradores da favela. De certo modo, o branco é ao mesmo tempo um antagonista e uma vítima de outro branco, este segundo sendo os gerenciadores da favela.

A FAVELA POR “ELES MESMOS”

No filme de 2010, *5X Favela – Agora por Nós Mesmos*, temos, logo no nome do filme, uma grande mudança em relação ao *Cinema Novo*. Como dito anteriormente, um dos principais aspectos que foram utilizados para a crítica do movimento era o fato de que o filme tinha como objetivo retratar o Brasil, mas através das lentes e da montagem de pessoas de fora daqueles lugares que eram filmados, se referindo ao fato dos diretores não possuírem experiência naqueles ambientes que estavam sendo retratados para as telas.

Na obra dirigida por Cacá Diegues em 2010, temos uma mudança de visão que torna o filme algo ainda mais interessante: o longa metragem fora produzido em conjunto com os moradores das localidades filmadas, utilizando oficinas de cenografia que incluíam membros das favelas retratadas. Além do fato de agora não somente mostrar a realidade das favelas, mas também mostrar isso -partir de uma ótica dos Favelados, este novamente com letra maiúscula por representar os moradores de tais comunidades neste novo século. Discutiremos aspectos semelhantes aos discutidos sobre a obra de 1962, mas para isto temos que ter em mente este novo momento da favela, agora narrada pela ótica dos moradores e não mais como nas palavras de Migliorin, “contaminada” (MIGLIORIN, 2010, p.45).

O primeiro ponto que devemos atentar é para a construção da figura da favela, sendo construída de uma maneira muito mais complexa e antagônica com um elemento que aparece em todos os cinco curtas do longa, porém, passa despercebido para a maioria dos espectadores: o asfalto. O asfalto, espaço representado por aqueles que não moram nos morros, é um dos principais antagonistas e é utilizado com frequência como uma espécie de outro lado em relação à favela, como no seguinte trecho: “O morador do asfalto é aquele que não sabe que na favela falta luz, que na favela moram trabalhadores e estudiosos e que na favela não se come frango.” (MIGLIORIN, 2010, p.47).

O asfalto é um lugar acessado pelos moradores da favela que precisam transitar por ele, porém, os moradores do asfalto não sabem ou

parecem ignorar as dificuldades sofridas pelos moradores da favela. Ainda neste tema, o ponto das dificuldades neste longa metragem é abordado de uma maneira diferente: em oposição ao filme de 1962, que coloca a figura do Favelado como vítima da sociedade, a obra dirigida por Cacá Diegues mostra como as dificuldades existem para os moradores da favela, mas que estes lutam diariamente contra elas, sempre visando um futuro maior. Uma visão talvez romântica, mas que dá um tom de esperança para o filme, que também serve como uma crítica ao estigma provocado pelo filme de 1962, que colocou o morador da favela como vítima.

Sobre os planos, temos uma grande renovação em termos visuais, visto que o filme é todo pautado em cima das técnicas de filmagem do século XXI e não deve em nada para um filme hollywoodiano. Temos *close-ups*⁴ novamente para criar um aspecto de suspense em alguns pontos, mas sempre com uma qualidade técnica fina junto dos planos detalhe que são bem explorados nos curtas; *travellings*⁵ que são muito bem executados e as transições entre planos que dão uma naturalidade à obra e não são secas a ponto de incomodar o espectador. Um dos principais pontos positivos deste filme é de longe a trilha sonora, que combina com cada um dos curtas, indo desde o samba e música clássica até os melhores funks da década passada, sempre em sincronia com cada uma das cenas, apesar de serem extradiegéticos.

Por fim, temos a figura do Favelado na obra de 2010, este que agora é representado como um indivíduo que vive em dificuldades, sendo em geral o negro e o pobre, mas agora vivendo numa favela muito mais real, apesar de ainda ser uma representação. É o mesmo ambiente de violência e pobreza, onde o Favelado luta para encontrar seu espaço e sua felicidade, enfrentando de maneira quase heroica os preconceitos e os estigmas da sociedade, mas sempre rumo aos seus objetivos. Um ponto negativo nisso tudo é o fato do Favelado em geral buscar seus horizontes fora da favela e sempre através do mercado de trabalho, criando, desta maneira, a ideia de

⁴ Close-up – tipo de plano onde a câmera se aproxima de maneira a destacar um elemento na cena.

⁵ Travelling – movimento onde a câmera se desloca para poder capturar a cena.

que a favela é um espaço que prende os indivíduos e não um ambiente agradável para viver. Mas, em todo caso, não temos mais uma favela controlada por brancos ou que vive apenas de samba, e sim um ambiente muito mais realista no qual observa-se o drama dos moradores e a forma como eles sempre ultrapassam os obstáculos através do trabalho e da superação.

CONCLUSÃO

Em ambas as obras temos o mesmo tema: a favela e os dramas vividos por seus moradores. Porém, na obra de 1962 vemos isto por uma estética do *Cinema Novo*, onde tudo era pensado para ser mais simples, ao passo em que a crítica social era o foco dos cineastas, não visando nenhum tipo de estética refinada ou linguagem cinematográfica complexa. Na obra dirigida por Cacá Diegues em 2010, podemos ver um filme voltado para o mercado do cinema, onde a montagem, enredo e toda a construção política do filme, apesar de ser criada e trabalhada por pessoas da favela, é pensada para agradar aos olhos críticos deste mercado cinematográfico. Porém, a favela como foco é muito bem representada no filme de 2010 em comparação com o longa de 1962, sem contar que, naquele, não precisamos lidar com representações estigmatizadas e nada fiéis diante da favela que conhecemos desde sempre.

REFERÊNCIAS:

BERNADET, Jean-Claude. À procura da realidade. Marginalismo. In: BERNADET, Jean-Claude. Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.36-52

CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema novo brasileiro. In: MASCARELLO, Fernando. História do cinema mundial. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2006. p.289-309.

MIGLIORIN, Cezar. 5x Favela – Agora por nós mesmos e Avenida Brasília Formosa: da possibilidade de uma imagem crítica. Devires, Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 38-55, Julho/Dezembro, 2010. Disponível em:

<http://fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/article/view/313>

Acesso em 07 dez. 2017